

APRESENTAÇÃO

Marília Murta de Almeida

*Coordenadora do PIBIC FAJE e gestora acadêmica do PIBIC no
Departamento de Filosofia*

Apresentamos nesta edição dezesseis artigos escritos pelos estudantes do Programa de Iniciação Científica da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Dois deles são oriundos do ciclo de 2019-2020, que não tinham tido ainda a oportunidade da publicação. Os outros são frutos do último ciclo encerrado, o de 2022-2023.

Iniciamos pelos trabalhos filosóficos, com dois textos que vão buscar na filosofia antiga um caminho para pensar problemáticas atuais. Franklim Drumond de Almeida, em seu “Ética do sutil em Demócrito e Merleau-Ponty”, traz do pensamento de Demócrito algo passível de diálogo com o contemporâneo Merleau-Ponty, a noção de *vazio*, que compreende o espaço comum em que nos encontramos. O *vazio*, que nos permite a separação e o encontro, se assemelha à noção de mundo da vida, espaço de intersubjetividade inerente à existência humana. Franklim propõe que a compreensão de que vivemos em compartilhamento do espaço que nos contém, podemos construir uma ética baseada no desejo – ou na necessidade – de preservação desse espaço intermediário, uma ética intersubjetiva ou sutil. Podemos assim perceber que esses dois pensadores, Demócrito e Merleau-Ponty, conhecidos pelo valor que dão à materialidade (ou corporeidade) da vida, apontam também para o espaço *vazio* que contém e faz relacionar os corpos.

Também com o olhar voltado para a Antiguidade, Vinícius Paixão faz, em seu “Sobre o conceito de natureza humana de Pródico de Ceos”, uma genealogia do conceito de natureza humana, levando o leitor a uma navegação em que qualquer ideia fixa sobre o ser humano parece ser desmontada pela consciência dos movimentos históricos. A história da filosofia nos alerta para o movimento das ideias, para que não caiamos no engano de pensar a partir de noções enrijecidas que não sobrevivem a uma análise crítica. A natureza humana, se ainda pudermos usar essa expressão, não é única, seja porque muitas são as suas variações, seja porque o que entendemos por natureza humana muda ao longo da história e é divergente através das culturas. Vinícius busca nas letras antigas de Pródico um guia por onde pensarmos melhor os dilemas de nossa época, inclusive os mais espinhosos do campo da bioética.

Campo que foi abordado por Rafaela Ferreira em seu “Desafios para a ética futura frente às práticas de uma eugenia liberal”. Com o aporte do filósofo Habermas, Rafaela discute os perigos que cercam a própria noção de ética numa sociedade pautada pelo ideal liberal em que o que fazemos nem sempre é acompanhado de entendimento. Os avanços das ciências médicas nos colocam frente a dilemas que não poderão ser resolvidos pela própria ciência,

mas apenas pela ética construída no espaço dialogal humano. A filosofia é chamada a participar do diálogo que visa compreender para melhor agir em relação a tais dilemas.

É sobre o diálogo, também a partir de Habermas, que se pergunta Luan Moreira em seu “Da sociedade do sagrado para o sagrado na sociedade”. Luan parte da noção de *esfera pública*, de Habermas, para colocar a questão sobre o papel das religiões neste espaço. Na sociedade secularizada, qual é o papel que as religiões ocupam e de que modo participam dos diálogos tecidos publicamente? No desenvolvimento do texto, fica patente a pergunta sobre qual a possibilidade de que as religiões realmente participem do diálogo público com seu elemento essencial que é a fé, sem que sejam silenciadas ou que, ao contrário, pretendam silenciar os que não creem.

Luciano Coutinho também lança o olhar para o mundo público, levantando a pergunta sobre as relações do *niilismo* com a política na contemporaneidade, em seu “Niilismo e política: Uma reflexão sobre o impacto do niilismo sobre a dimensão política da ação humana”. Partindo de um estudo sobre o fenômeno do niilismo, Luciano se debruça sobre o panorama político desde o século passado, marcado por este fenômeno, e identifica em Carl Schmitt um autor que enfrenta o problema e esboça uma resposta a partir da fronteira entre a política, a filosofia e a teologia.

Voltamo-nos agora para dois outros pontos da filosofia. Alejandro Castejón se dedica a elucidar a noção de *fenomenologia* de Husserl, em trabalho de grande fôlego sobre um pensador muito difícil e poucas vezes enfrentado por estudantes da graduação. O texto “O significado da ideia husserliana de fenomenologia para o pensamento filosófico contemporâneo” localiza o pensamento de Husserl na história da filosofia que, neste caso, se confunde com o panorama geral da gestação de ideias no âmbito das ciências humanas, incluindo o vasto campo da psicologia, do início do sec. XX; a partir dessa contextualização, faz a elucidação dos conceitos centrais para a compreensão da fenomenologia husserliana.

Joana Farnezi, em seu “O simbolismo presente na Dança, segundo Susanne Langer”, apresenta Susanne Langer, importante pensadora do campo da estética, e explicita a compreensão da autora sobre a dança como fenômeno de expressão artística com significado e alcance próprios. Joana, que é também profissional da dança, faz ainda considerações pessoais em que avalia o valor e os limites da proposta de Langer, mostrando apropriação do material pesquisado.

Passamos agora à apresentação dos artigos teológicos. Diego Vélez se dedica à compreensão da ideia de *encarnação*, crucial para o entendimento do que é o cristianismo, a partir da teologia de Karl Rahner, em seu “O mistério da encarnação na teologia de Karl Rahner”. Diego faz uma construção bem articulada em que o entendimento sobre a encarnação se desdobra no enfrentamento do *mistério*, inerente à noção de um Deus que se faz humano; na busca do *sentido* que essa noção carrega consigo; e na identificação das *implicações* que essa noção permanentemente gera na vida de quem crê no Deus encarnado.

Marcos Ortega, em artigo também centrado na teorização de um teólogo, busca compreender a lugar da *utopia* no pensamento de Victor Codina, importante pensador no cenário da teologia latino-americana. O texto “Uma aproximação à presença da utopia na pneumatologia do teólogo Victor Codina” parte da elucidação da compreensão de *espírito* na construção de Codina e propõe a utopia como a face secular da esperança, ambas de algum modo geradas pela ação do *espírito* na vida humana. A utopia se expressa na vida pública, sem necessariamente se ligar a qualquer perspectiva espiritual, mas seria inerentemente relacionada à esperança cristã por sua orientação em direção a um futuro a ser construído.

No campo dos estudos bíblicos, Emanuel Almeida empreende uma análise de algumas parábolas do Evangelho segundo Lucas e as relaciona com trechos do livro do profeta Oseias, como o objetivo de mostrar a unidade da Bíblia e do Deus judaico-cristão, no artigo “Oseias e Lucas: aproximações teológicas e hermenêuticas”. Neste exercício, Emanuel destaca a noção de misericórdia, que seria a face do Deus da Bíblia, de modo a desfazer a noção popularizada de que o Deus do Antigo Testamento seria vingativo e punitivo, em contraposição ao Deus misericordioso do Novo Testamento.

Com a noção de misericórdia em mente, passamos a cinco artigos do campo da ecoteologia que se propõem a ecoar os gritos da terra e a diversidade de formas pelas quais esse grito é acolhido por diferentes culturas e espiritualidades. Felipe Cunha parte do interesse em estudar os presépios como representação da acolhida do Deus Menino e constrói um percurso bíblico e histórico, investigando as origens da imagem do presépio do Evangelho segundo Lucas e as primeiras representações feitas por São Francisco de Assis. Como resultado, o texto “Os presépios: uma leitura ecoteológica” apresenta a instigante proposta de que a imagem do Cristo entranhado na terra, seja logo após seu nascimento, seja após sua morte, nos ajuda a perceber os apelos desta terra e nos colocar em ação reparadora em que o cuidado com a casa comum seja também o cuidado com o lugar sagrado que acolheu o corpo de Jesus ao nascer e ao morrer. A terra aparece aí como participante dos movimentos da encarnação e da ressurreição.

Os apelos da terra podem ser escutados por todos os povos que nela vivem. Os textos de Luis Ramiro, José Eduardo Alves e Renilson Tomaz oferecem escutas culturais diversas e o texto de Paulo Henrique Laurencio mostra a escuta do sofrimento.

Luis Ramiro, no artigo “O bem-conviver à luz da ecoteologia”, apresenta a noção de *bem-conviver*, oriunda do povo aymara, da Bolívia. Tal noção é evocada como resposta aos apelos do Papa Francisco na *Laudato Si'* e de todos os teólogos voltados para a construção de uma ecoteologia que dialogue com o grave problema ambiental que enfrentamos na atualidade. O bem-conviver, elaborado na filosofia aymara do *Suma Qamaña*, enfatiza o aspecto da convivência entre todos os seres no solo da terra, para além da noção de bem-viver, muitas vezes elaborada a partir de perspectivas de povos originários. Essa ênfase se justifica na ideia de que enquanto não nos compreendermos como seres que coabitam um planeta com

milhares de outros, não seremos capazes de uma mudança significativa no sentido do cuidado e do fim da atitude destrutiva.

José Eduardo Alves, por sua vez, vai buscar na espiritualidade judaica a inspiração para pensar a nossa casa comum, no artigo “A mística judaica na construção de uma consciência ecológica”. José Eduardo mostra, por meio da elucidação de conceitos e de sua articulação interna, que, segundo a mística judaica expressa na *Cabala*, Deus pode se mostrar a nós através da natureza. O cuidado com a natureza é, portanto, percebido como cuidado com um lugar sagrado para a nossa possível relação com Deus.

Ainda nesse âmbito do diálogo com culturas diversas que nos ajudam a aguçar a escuta dos clamores da terra, Renilson Tomaz, em seu “Ecodarma: contribuições do budismo no cuidado da casa comum em diálogo com a encíclica *Laudato si'*”, apresenta a elaboração budista sobre o tema, a partir da noção de *ecodarma*. Essa noção surgiu da relação entre o princípio do *Darma*, lei cósmica que rege o que existe, segundo a filosofia budista, e as necessidades ecológicas do nosso tempo. Renilson também parte dos apelos do Papa Francisco na *Laudato Si'* e recorre ao *ecodarma* como possível resposta a esses apelos. A milenar filosofia budista está sendo confrontada com um problema completamente novo, jamais prevista em suas bases, o que explicita algo que atinge a todos nós como humanidade: como enfrentar esse problema novo, criado por nós mesmos e que põe em risco toda a vida na terra? Estes três últimos trabalhos apresentados propõem a mesma ideia: recorrer a sabedorias ancestrais para a construção de uma saída.

Paulo Henrique Laurencio, em seu “Brumadinho: uma romaria do luto à luta”, nos coloca em face do clamor das pessoas diretamente atingidas pelo desastre do rompimento da barragem da Vale em 2019. Com o aporte teológico da reflexão de Carlos Mendonza-Álvarez sobre as vítimas, Paulo Henrique conduz seu texto em direção à percepção dos atingidos pelo desastre de Brumadinho como vítimas em sentido teológico: aqueles que foram deixados de fora da luz redentora e que clamam por justiça, instaurando a luta como dever teológico.

Finalizar esta apresentação, temos o artigo de Vitor Vinícius da Silva, “O Idiota: um outro Cristo”, que faz uma pesquisa teopoética do livro *O Idiota*, de Dostoiévski. Seguindo uma linha interpretativa já clássica nos estudos sobre esse grande romance da literatura mundial, Vitor defende a compreensão do personagem principal da obra, o príncipe Mishkin, o idiota, como uma figuração do próprio Cristo. Homem caracterizado como ingênuo e incapaz de penetrar na lógica mundana movida por interesses pessoais econômicos ou de poder, o príncipe sofre ainda de um distúrbio mental que para muitos é a justificativa de sua conduta estranha que frequentemente se desdobra em atitudes que só podem ser compreendidas à luz do amor.

Desejo que, após a leitura destes textos repletos de inquietação filosófico-teológica, possamos esperar que este *outro* Cristo, incapaz da esperteza dos que se veem como opostos aos *idiotas*, possa nos conduzir no exercício de escuta das vozes que sofrem e que nos pedem entendimento, sensibilidade e ação ética no mundo.

Agradecemos ao Prof. Dr. Sinivaldo Silva Tavares, gestor acadêmico do PIBIC no Departamento de Teologia e ao Prof. Dr. Geraldo Luiz De Mori, representante institucional do PIBIC FAJE, pelo permanente apoio ao programa. Agradecemos também às agências de fomento à pesquisa CNPq e FAPEMIG, além da própria FAJE, que auxiliaram financeiramente os estudantes no percurso das pesquisas.